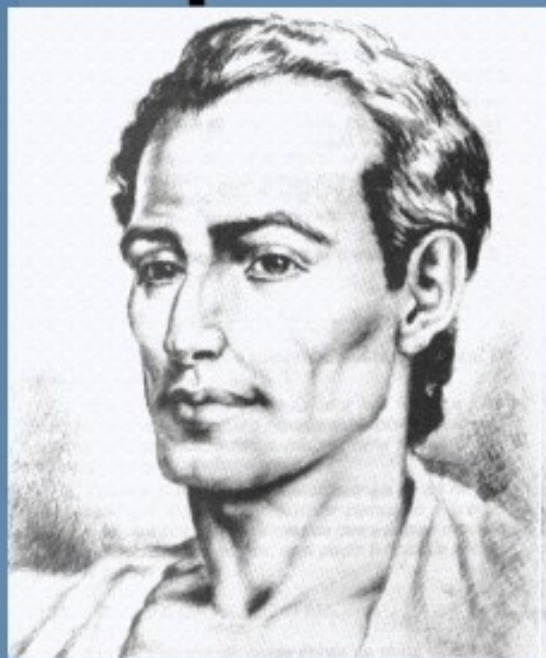


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO LXXIII – Amigos

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXIII)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicada em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXIII)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo LXXIII – Amigos	O Consolador	04
Complementos		
Amizade real	O Consolador	06
Caixa de cartas	O Consolador	08
Confiança e fé	O Consolador	09

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXIII)

Amigos Reunião pública 19 / 10 / 1959 Questão 938

À medida que avances, montanha acima, nas trilhas da evolução, é possível que muitos de teus amigos se transformem, porque não possam ver o que vês.

É qual se o vinho capitoso surgisse transfigurado em resíduo de fel, ou como se o brilhante longamente acariciado se metamorfoseasse em pedra falsa.

Consagras-te agora à luz.
Dormitam muitos na sombra.
Escolhes hoje servir.
Demoram-se muitos reclamando o serviço alheio.
Buscas presentemente a verdade.

Afeiçoam-se muitos à máscara da ilusão. Se Desapegue de prazeres inferiores e posses materiais.

Algemam-se muitos à egolatria.
Estranhando-te a nova atitude, quase sempre te classificam os anseios de elevação com adjetivos injuriosos.

Porque não mais te acomodas nas trevas, há entre eles quem te chame orgulhoso.
Porque conservas a humildade na luz da abnegação, há entre eles quem te chame covarde.

Porque não mais te relaciones com a mentira, há entre eles quem te chame fanático.
Porque esqueces a ti mesmo no culto do amparo a outrem, há entre eles quem te chame idiota

Entretanto, ama-os, mesmo assim, sem exigir que te amem, cultivando o trabalho que a vida te confiou.

O serviço sustentado nas tuas mãos falará, sem palavras, de teus bons propósitos a criaturas diferentes que, tangidas pelo divino amor, chegarão de outros campos em teu auxílio.

Para isso, porém, é indispensável não entres no labirinto das lamentações vinagrosas.

Censurar é ferir, e queixar-se é perder tempo.

Renuncia, pois, à satisfação da convivência com aqueles que, embora continuem amados em teu coração, não mais te comunguem as esperanças.

Se te esquecerem, perdoa.
Se te desprezarem, perdoa mais uma vez.
Se te insultarem, perdoa novamente.
Se te atacarem, perdoa sempre.

Seja qual for a maneira pela qual te apareçam, nos dias da incompreensão, ajuda-os quanto puderes.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXIII)

O silêncio em serviço é uma prece que fala.

Deus que concede à semente o refúgio da terra e a bênção da chuva para que germine, em louvor do pão, dar-te-á também outras almas, com as quais te associes para a glória do bem.

Amizade real

Um grande senhor que soubera amontoar sabedoria, além da riqueza, auxiliava diversos amigos pobres, na manutenção do bom ânimo, na luta pela vida.

Sentindo-se mais velho, chamou o filho à cooperação. O rapaz deveria aprender com ele a distribuir gentilezas e bens.

Para começar, enviou-o à residência de um companheiro de muitos anos, ao qual destinava trezentos cruzeiros mensais.

O jovem seguiu-lhe as instruções. Viajou seis quilômetros e encontrou a casa indicada. Contrariando-lhe a expectativa, porém, não encontrou um pardieiro em ruínas. O domicílio, apesar de modesto, mostrava encanto e conforto. Flores perfumavam o ambiente e alvo linho vestia os móveis com beleza e decência.

O beneficiário de seu pai cumprimentou-o, com alegria efusiva, e, depois de inteligente palestra, mandou trazer o café num serviço agradável e distinto. Apresentou-lhe familiares e amigos que se envolviam, felizes, num halo enorme de saúde e contentamento.

Reparando a tranquilidade e a fartura, ali reinantes, o portador regressou ao lar, sem entregar a dádiva.

— Para quê? — confabulava consigo mesmo — aquele homem não era um pedinte. Não parecia guardar problemas que merecessem compaixão e caridade. Certo, o genitor se enganara.

De volta, explicou ao velho pai, particularizadamente, quanto vira, restituindo-lhe a importância de que fora emissário.

O ancião, contudo, após ouvi-lo calmamente, retirou mais dinheiro da bolsa, dobrou a quantia e considerou:

— Fizeste bem, tornando até aqui. Ignorava que o nosso amigo estivesse sob mais amplos compromissos. Volta à residência dele e, ao invés, de trezentos, entrega-lhe seiscentos cruzeiros, mensalmente, em meu nome, de ora em diante. A sua nova situação reclama recursos duplicados.

— Mas, meu pai — acentuou o moço —, não se trata de pessoa em posição miserável. Ao que suponho, o lar dele possui tanto conforto, quanto o nosso.

— Folgo bastante com a notícia — exclamou o velho.

E, imprimindo terna censura à voz conselheiral, acrescentou:

— Meu filho, se não é lícito dar remédio aos sãos e esmolas aos que não precisam delas, semelhante regra não se aplica aos companheiros que Deus nos confiou. Quem socorre o amigo, apenas nos dias de extremo infortúnio, pode exercer a piedade que humilha ao invés

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXIII)

do amor que santifica. Quem espera o dia do sofrimento para prestar o favor, muita vez não encontrará senão silêncio e morte, perdendo a melhor oportunidade de ser útil. Não devemos exigir que o irmão de jornada se converta em mendigo, a fim de parecermos superiores a ele, em todas as circunstâncias. Tal atitude de nossa parte representaria crueldade e dureza. Estendamos-lhe nossas mãos e façamo-lo subir até nós, para que nosso concurso não seja orgulho vão. Toda gente no mundo pode consolar a miséria e partilhar as aflições, mas raros aprendem a acentuar a alegria dos entes amados, multiplicando-a para eles, sem egoísmo e sem inveja no coração. O amigo verdadeiro, porém, sabe fazer isto. Volta, pois, e atende ao meu conselho para que nossa afeição constitua sementeira de amor para a eternidade. Nunca desejei improvisar necessitados, em torno de nossa porta e, sim, criar companheiros para sempre.

Foi então que o rapaz, envolvido na sabedoria paterna, cumpriu quanto lhe fora determinado, compreendendo a sublime lição de amizade real.

Correio mediúnico, Amizade real (Neio Lúcio), O Consolador – Nº 186 – 28/11/2010

Neio Lúcio, Livro: Alvorada Cristã, (cap. 18), (Chico Xavier)

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXIII)

Caixa de cartas

Em mais uma de minhas muitas mudanças de residência, na rotina de encaixotamento das coisas em meio à poeira, encontro uma antiga caixa de sapatos, amarrada com barbante, morada de antigas fotos, cartões, desenhos, manuscritos e cartas, presentes de amigos de outrora.

Mexo nas cartas, algumas escritas com canetas de diferentes cores, outras com desenhos, cheiros e adesivos. Lembranças carinhosas de amigos, oriundas de encontros espíritas, tardes fraternas, manhãs fraternas, dias fraternos... Graças a Deus, temos muita fraternidade no Movimento espírita.

São folhas de papel que ainda guardam em si grande sentimento. Hoje ninguém mais escreve cartas. Replicamos, copiamos e colamos, curtimos, encaminhamos a nossa lista. Abro a caixa de correios diariamente e só encontro faturas, publicidade e contas. Esquecemos o prazer de escrever aos amigos.

Olhando essas cartas, guardadas naquela antiga e empoeirada caixa de sapatos, reflito sobre a importância da amizade, e, mais ainda, da necessidade permanente de se cultivar os amigos, pela vivência e pela lembrança, mesmo que seja por uma singela carta.

Amigos são um tesouro. Alguns vão, outros vêm. Alguns ainda reaparecem! Nos momentos de alegria, celebram. Nos momentos difíceis, consolam. Como é bom ter amigos para conversar, abraçar, se divertir e ainda, mandar cartas. Como dizia a música dos tempos da juventude espírita, o companheiro de jornada é uma “dádiva dos céus”.

Mandam-nos cartas os amigos espirituais, falando da vida do lado de lá, consolando e esclarecendo, pela magia das palavras que se perpetuam pela psicografia. Não se esquecem de nós, ainda que não sejam percebidos, velando, de forma perene, por nossa encarnação.

Toda essa reflexão vem à mente à medida que mexo naquela caixa de cartas. São cartas antigas, manuscritas, alguns cartões. Representações de sentimentos dos meus próximos, agora distantes. A amizade é uma força poderosa, mas que precisa ser cultivada.

O movimento espírita, como não poderia deixar de ser, é celeiro de grandes amizades, de ambos os planos da vida, que merecem ser regadas pela nossa atenção, como visgo que dá liga a esse movimento e como combustível que alimenta a chama desses grandes momentos que vivenciamos na seara espírita, sempre como bons amigos, como bons irmãos.

Marcus Vinícius de Azevedo Braga, Caixa de cartas

– O Consolador – Nº 272 – 05/08/2012

Confiança e fé

Certa ocasião, por volta de 1987, dois anos antes de sua desencarnação em 1989, Jerônimo Mendonça, o “gigante deitado”, que se notabilizou no meio espírita brasileiro por sua coragem ante terríveis sofrimentos, como dores no peito, paralisia, cegueira, provocados por uma grave artrite reumatoide juvenil, foi fazer uma visita, levado em seu leito, para um amigo homônimo, ou seja, também Jerônimo. Este estava internado em estado grave no hospital São José, em Ituiutaba, MG. Dores lancinantes o incomodavam muito. Impossibilitado de entrar, pois a visita não foi permitida, Jerônimo, através de amigos, enviou-lhe um bilhete, que havia ditado:

“Jerônimo,

Onde está tua fé? Confiemos em Jesus. Do amigo, Jerônimo”.

Pouco depois, esse amigo desencarnou. Seu irmão levou ao nosso Jerônimo um livro dele. Era uma lembrança para os amigos. Um livro para cada um.

Tempos depois, com muitas dores, Jerônimo pediu à sua irmã que lhe abrisse um livro qualquer de sua estante e lesse uma mensagem “ao acaso”.

Ela abriu um livro e falou: “Olha, Jerônimo, que interessante! Nesse livro tem um bilhete:

“Jerônimo,

Onde está tua fé? Confiemos em Jesus. Do amigo, Jerônimo”.

Ele considerou isso uma resposta, a sua própria, através do amigo desencarnado.

Toda essa história nós lembramos para lembrar onde está a nossa fé.

“Se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a essa montanha: transporta-te daqui para ali e ela se transportará, e nada vos será impossível” (Jesus)

Ficamos meditando um pouco sobre esse assunto desde que a gripe H1N1 chegou ao Brasil e começou a circular. Temos visto um verdadeiro pânico com relação a esse assunto. A maior nação católica do mundo, a maior nação espírita do mundo, e a evangélica crescendo intensamente! Esperamos que o espírita não esteja com medo da morte, porque esse medo que chega ao pânico no fundo revela falta de fé na imortalidade da alma, medo intenso da morte.

Nós, que estamos na área médica, na fila da frente ao combate dessa gripe, estamos testemunhando cotidianamente essa situação. Estamos exercitando a consolação para centenas de pacientes, que, sabendo que estão com essa gripe, estão desabando emocionalmente, chegando ao desespero, o que nos leva a ter que, a cada um, esclarecer, orientar, consolar, acalmar, para que a pessoa enferma possa sair em paz, sem se sentir condenada à morte.

Que medo é esse? É claro que há que ter cautela, mas não pavor, a ponto de alguém nem poder dar mais um simples espirro sem ser olhado com desconfiança.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXIII)

Lamentamos, também, o que algumas pessoas desavisadas estão fazendo, querendo limitar a afetividade, cercar o amor, impedindo abraços e beijos entre amigos. É claro que, desde que nos entendemos por gente, quem está gripado não fica beijando ou abraçando os outros, até sarar. É uma questão de bom senso e consciência. A higiene deve ser reforçada, e a higiene melhorada – no fundo, vai sanar muitas doenças. Limitar ou cercar o afeto, o carinho, isso não! A falta de amor também mata. A falta de amor provoca o crescimento de um ser humano que pode ser indiferente ou violento até, dependendo do tipo de espírito reencarnado, dos sentimentos que traz consigo.

Não devemos nos esquecer que é a falta do amor que provoca cada vez mais enfermidades neste nosso sofrido planeta, e que é o amor crescente e belo que vai equilibrar harmonicamente o espírito, de modo que, um dia, quando o amor triunfar, pouca ou nenhuma doença haverá num mundo feliz, onde provas ou expiações não serão mais necessárias, porque o amor regerá o planeta.

Tenhamos um pouco mais de fé e vamos agir com a consciência reta, para não termos medo da morte, que, afinal de contas, só atinge o corpo, pois o espírito é imortal, como a palavra já o diz – viverá sempre. Façamos o que pudermos para ajudar a ciência e a medicina para não termos doenças, mas com fé, confiança em Deus e sempre com afeto e amor, pois o amor é escudo, é proteção. Amemos mais, muito mais, sempre mais, porque o nosso muito ainda é muito pouco neste nosso planeta de provas e expiações, onde somos, na maioria, aprendizes do amor.

Jane Martins Vilela, Confiança e fé – O Consolador – Nº 123 – 06/09/2009